

Zélia pede apoio a empresários

SÃO PAULO — A ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, esteve ontem em São Paulo para pedir o apoio de importantes empresários à política do governo para a dívida externa. Os empresários, por sua vez, deram sugestões à ministra sobre as políticas industrial e de desenvolvimento. Acompanhada do embaixador especial para a negociação da dívida externa, Jório Dauster, Zélia compareceu à reunião — marcada para as 16h — com 15 minutos de atraso. Vestida com um elegante *tailleur* cáqui, a ministra permaneceu durante 1 hora e 15 minutos em uma sala envidraçada na sede do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial, localizada no Brooklin, Zona Sul da cidade.

Estiveram presentes à reunião 19 empresários, entre os quais José Ermírio de Moraes Filho, presidente do grupo Votorantim, Ricardo Semler, comandante da Semco, Paulo Villares, dirigente da Villares (siderurgia, informática e motores), Sérgio Prosdócimo, presidente do grupo Refripar, Paulo Setúbal Neto, representante do grupo Itaúsa, e Paulo Francini, diretor da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.

A ministra disse aos empresários que está aguardando uma contraproposta dos banqueiros internacionais ao plano brasileiro de pagamento da

dívida externa. O governo fixou em US\$ 18,2 bilhões a sua capacidade de pagamento em 1991, sendo que deste total US\$ 5,1 bilhões serão destinados à quitação parcial da dívida. Neste ano, contudo, o país não deverá pagar um centavo dos juros da dívida externa.

Da reserva de US\$ 18,2 bilhões para o próximo ano, US\$ 1,5 bilhão será destinado à amortização de cruzados novos retidos no Banco Central, que deverão ser pagos a partir de março de 1991. Essa quantia é considerada pequena para o volume de devolução que precisa ser feito. Zélia, no entanto, garante que “o pagamento dos cruzados novos está assegurado em lei e não deve restar nenhuma dúvida que isso será feito”.

Concordatas — A ministra negou-se a comentar os boatos correntes no mercado, de que existe uma verdadeira indústria de concordatas — empresas que se utilizam deste recurso como estratégia para fugir dos juros altos do mercado. “São casos particulares, que precisam ser vistos no contexto”, explica ela. Mesmo com a crescente instabilidade da situação econômica no país, a ministra Zélia acredita que a inflação cairá, o Tesouro continuará com superávit e o nível de empregos não sofrerá grandes alterações.